

Batalha das tranças – reality show sobre a identidade das tranças afro¹

Débora de Araujo Nogueira²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar as tranças afro enquanto referências da diáspora africana e como patrimônio ressignificado da cultura afro-brasileira. Argumenta-se que as tranças afro são símbolos de resistência e veículos de transmissão de saberes, memória e identidade. O estudo também se propõe a analisar as metodologias utilizadas por emissoras de televisão na criação de formatos de programas televisivos, com ênfase na exportação de ideias audiovisuais. A proposta culmina na apresentação do reality show documental “Batalha das Tranças”, voltado ao público afro-brasileiro, que alia entretenimento e educação na valorização das práticas culturais afrodescendentes.

Palavras-chave: Tranças afro; Patrimônio imaterial; Cultura afro-brasileira; Mídia; Reality show.

INTRODUÇÃO

As tranças africanas configuram-se como práticas socioculturais que transcendem o domínio da estética corporal. Inseridas no contexto das comunidades afrodescendentes, constituem um sistema simbólico de transmissão de saberes ancestrais, de expressão identitária e de resistência frente às estruturas de poder hegemônicas. Conforme argumenta Nwankwo (2019), as tranças afro não apenas embelezam, mas operam como códigos visuais que comunicam pertencimento étnico, status social e vínculos comunitários.

No Brasil, país marcado por uma história de escravização e silenciamento das culturas negras, as práticas trançadas foram, durante muito tempo, estigmatizadas e associadas à subalternidade. Entretanto, os avanços dos movimentos sociais negros nas últimas décadas possibilitaram um processo de ressignificação estética e política das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da ECO-UFRJ. E-mail: nogueiradeb@gmail.com

tranças, que passaram a ser compreendidas como formas legítimas de expressão cultural e afirmação de identidades afro-brasileiras (CAVALCANTE, 2021).

O presente trabalho tem como objetivo analisar as tranças afro enquanto patrimônio cultural imaterial, reconhecendo-as como práticas que articulam memória, estética e resistência. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, orientada por pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa exploratória, conforme delineado por Gil (2010). A proposta culmina na concepção de um produto audiovisual – o reality documental intitulado *Batalha das Tranças* – que visa contribuir para a valorização das práticas culturais afrodescendentes, ao mesmo tempo em que promove maior representatividade da população negra no campo televisivo nacional.

Dessa forma, busca-se compreender as tranças não apenas como formas de ornamentação capilar, mas como tecnologias sociais de sobrevivência e afirmação, capazes de tensionar estruturas racistas e ampliar os espaços de reconhecimento das culturas negras. Ao propor um produto midiático voltado a esse tema, o trabalho pretende colaborar para a democratização da comunicação e para o fortalecimento da diversidade cultural no Brasil contemporâneo.

TRANÇAS AFRO: SABERES ANCESTRAIS E RESISTÊNCIA CULTURAL

As tranças afro constituem uma prática ancestral profundamente enraizada na história dos povos africanos, remontando a tempos anteriores à diáspora forçada causada pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Em diversas sociedades africanas, trançar os cabelos não era apenas um ato estético, mas, sobretudo, uma expressão simbólica de pertencimento, status social, linhagem, estágio de vida e espiritualidade. Segundo Nwankwo (2019), as tranças funcionavam como códigos visuais carregados de significados culturais, sendo utilizadas como forma de comunicação não verbal entre os membros de uma mesma comunidade étnica.

Durante o período colonial e escravocrata nas Américas, essas práticas foram desarticuladas de seus contextos originários e forçadas à invisibilidade, uma vez que o sistema escravagista buscava não apenas a exploração da força de trabalho, mas também a aniquilação dos referenciais culturais dos povos africanos. No entanto, mesmo em contextos de extrema opressão, as tranças persistiram como formas de resistência cultural e de manutenção de laços de identidade coletiva. De acordo com Ribeiro (2017), mulheres negras escravizadas utilizavam as tranças como mapas mentais e códigos de fuga,

demonstrando que a prática capilar operava também como tecnologia social de insurgência e sobrevivência.

No Brasil, o processo de marginalização das tranças se intensificou com a consolidação de um imaginário nacional alicerçado em padrões estéticos eurocentrados, que associavam o cabelo crespo e as suas formas tradicionais de cuidado à desordem, à feiura e à inferioridade racial (GOMES, 2005). Essa lógica foi reproduzida por instituições diversas — da escola à mídia — contribuindo para a negação das identidades negras e a interiorização do racismo estético.

Contudo, nas últimas décadas, o fortalecimento dos movimentos sociais negros e o avanço das políticas de ação afirmativa permitiram a revalorização das práticas estéticas afro-brasileiras, incluindo as tranças. Conforme destaca Cavalcante (2021), a ocupação de espaços institucionais, acadêmicos e midiáticos por sujeitos negros contribuiu significativamente para a reconstrução positiva da imagem das tranças, agora reconhecidas como símbolos de orgulho, ancestralidade e empoderamento.

Atualmente, as tranças vêm sendo resgatadas como patrimônios culturais imateriais que mobilizam memórias coletivas e histórias de resistência. O ato de trançar transforma-se, assim, em prática pedagógica e política, capaz de ensinar, curar e afirmar identidades historicamente silenciadas (MOYO, 2022). Como sublinha Mbembe (2014), a valorização dos saberes africanos e afro-diaspóricos constitui uma etapa fundamental no processo de descolonização das subjetividades e dos imaginários sociais.

VALORES ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL

As tranças afro, enquanto prática estética e cultural de origem africana, transcendem o campo da aparência pessoal para se configurarem como fenômeno multidimensional, com impactos significativos nos âmbitos econômico, político e cultural. Tal complexidade evidencia a centralidade dessas práticas no cotidiano das populações afrodescendentes, especialmente no Brasil, onde o legado da diáspora africana se articula com processos de resistência, inovação e reconstrução identitária.

3.1 Valor econômico

O setor de beleza voltado à população negra vem experimentando um crescimento expressivo nas últimas décadas. Esse dinamismo é resultado do reconhecimento crescente da diversidade étnico-racial e da valorização das características estéticas afro-brasileiras,

incluindo os cabelos crespos e as técnicas de trançamento. Segundo Silva e Santos (2020), o mercado brasileiro de cosméticos e serviços voltados ao público negro movimenta cifras bilionárias anualmente, impulsionando não apenas grandes indústrias, mas também pequenos empreendimentos periféricos liderados por mulheres negras.

Essa economia é caracterizada pela informalidade e pela autonomia empreendedora, especialmente em comunidades periféricas, onde o ato de trançar cabelos se torna uma fonte de renda, expressão de criatividade e fortalecimento comunitário. De acordo com Oliveira (2019), o trançado constitui uma prática ancestral que, ao ser ressignificada em contextos urbanos, possibilita a geração de renda e o empoderamento feminino. As trançadeiras, muitas vezes autônomas e fora do circuito formal da economia, constroem redes de solidariedade e saberes que desafiam a lógica capitalista hegemônica e reforçam modelos econômicos sustentáveis e comunitários.

Além disso, o fortalecimento da estética negra como nicho de mercado impulsiona a criação de produtos específicos, eventos temáticos, cursos de formação e produção de conteúdo digital, demonstrando que a valorização das tranças afro está diretamente relacionada à expansão de um mercado étnico que promove inclusão e diversidade (SANTOS; ALMEIDA, 2022).

3.2 Valor político

No campo político, as tranças afro adquirem um caráter simbólico de resistência e afirmação. A estética negra, tradicionalmente marginalizada pelas normas eurocêtricas de beleza, tem sido resgatada como elemento de luta contra o racismo estrutural e o epistemicídio cultural. Hall e McLuhan (2008) afirmam que a estética opera como forma de comunicação cultural e política, sendo capaz de expressar tensões, reivindicações e pertencimentos.

As tranças, nesse contexto, tornam-se signos de insurgência contra os discursos normativos que deslegitimam os corpos negros. Sua presença em espaços públicos, institucionais e midiáticos representa uma contestação às narrativas coloniais e uma reconfiguração dos imaginários sociais. Conforme argumenta Souza (2019), o uso consciente das tranças por mulheres e homens negros constitui uma prática política que reivindica o direito à identidade, à memória e à diversidade cultural.

No Brasil, o fortalecimento das tranças como símbolo de orgulho racial está diretamente ligado à atuação dos movimentos sociais negros, que desde os anos 1970 vêm

promovendo debates sobre negritude, identidade e representatividade. A visibilidade dessas práticas em plataformas digitais e meios de comunicação contemporâneos amplia sua potência política, ao colocar em evidência vozes, corpos e saberes historicamente silenciados (GONÇALVES, 2020).

3.3 Valor cultural

As tranças afro constituem um dos mais importantes elementos do patrimônio imaterial afrodescendente. Sua prática envolve técnicas específicas, vocabulários próprios e significados simbólicos que são transmitidos oralmente entre gerações, configurando-se como expressão viva da memória coletiva. Moyo (2022) destaca que o ato de trançar é mais do que um ofício: é um ritual de pertencimento e continuidade cultural, no qual são reforçados laços familiares, identitários e comunitários.

Cada padrão de trança — como a nagô, a fulani ou a box braid — carrega um repertório cultural vinculado a etnias africanas específicas, sendo um vestígio vivo de civilizações que, apesar da violência colonial, mantiveram suas matrizes simbólicas através do corpo e da oralidade. De acordo com Ribeiro (2017), ao se pensar nas tranças como narrativas corporificadas, compreende-se que a cultura afro-brasileira opera uma pedagogia do sensível, onde o cabelo é tratado como lugar de memória, afeto e espiritualidade.

Reconhecer as tranças como patrimônio cultural imaterial implica não apenas sua valorização simbólica, mas também sua proteção legal e institucional. A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO (2003), ratificada pelo Brasil, estabelece a importância de preservar expressões culturais que mantenham viva a diversidade dos povos. Assim, incluir as tranças nesse escopo é um passo fundamental para consolidar políticas de reconhecimento e reparação histórica.

PRODUTO AUDIOVISUAL: “BATALHA DAS TRANÇAS”

4.1 Apresentação do projeto

“Batalha das Tranças” é um reality show documental com foco em técnicas de trançar cabelos afro. Serão oito episódios com trançadeiras que, ao longo da competição, executam penteados tradicionais e compartilham suas histórias de vida e suas conexões com as técnicas ancestrais.

4.2 Estrutura e formato

-
- Formato: Reality show documental
 - Duração: 30 minutos por episódio
 - Público-alvo: Comunidade afro-brasileira e interessados em cultura afro
 - Plataforma: YouTube e redes sociais

Cada episódio apresenta uma técnica tradicional, contextualizada por historiadores e pesquisadores. O primeiro episódio será dedicado à trança nagô, com a participação do antropólogo Raul Lody.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, a fim de compreender os significados simbólicos, sociais e culturais atribuídos às tranças afro no contexto brasileiro contemporâneo. Conforme Gil (2017), a pesquisa qualitativa é apropriada para investigar fenômenos cuja complexidade não pode ser reduzida à mensuração estatística, possibilitando uma análise aprofundada das dimensões subjetivas, culturais e políticas que envolvem o objeto de estudo.

Nesse sentido, foram empregadas as seguintes técnicas metodológicas:

5.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica constituiu a etapa inicial do processo investigativo, tendo como objetivo identificar, sistematizar e analisar o conhecimento já produzido sobre os temas centrais deste trabalho, tais como: tranças afro, patrimônio cultural imaterial, estética negra e representatividade midiática. De acordo com Lakatos e Marconi (2010), esse tipo de pesquisa se baseia na leitura crítica e analítica de obras acadêmicas, artigos científicos, teses, dissertações e publicações institucionais relevantes ao campo temático.

Foram priorizadas fontes que abordam os saberes tradicionais afro-brasileiros e a construção da identidade étnico-racial por meio da estética, com especial atenção à produção de autoras e autores negros. Destacam-se, entre os referenciais teóricos utilizados, os estudos de Ribeiro (2017), Hall e McLuhan (2008), Cavalcante (2021) e Moyo (2022), que oferecem subsídios conceituais para a compreensão do valor simbólico e social das práticas de trançar cabelo.

5.2 Análise documental

A análise documental foi realizada com o intuito de examinar registros audiovisuais, relatórios culturais, catálogos de exposições, reportagens e materiais institucionais que tratam da estética afro-brasileira, em especial das tranças. Conforme Cellard (2008), a análise documental permite o acesso a informações construídas socialmente, possibilitando a reconstrução de contextos históricos, culturais e comunicacionais.

Os documentos selecionados foram analisados à luz das teorias culturais e dos estudos de mídia, a fim de identificar como as tranças são representadas e apropriadas no espaço audiovisual e nas políticas culturais contemporâneas. Essa etapa também considerou materiais visuais como fotografias, vídeos e registros de eventos que envolvem práticas tradicionais afro-brasileiras.

5.3 Pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória teve como finalidade levantar dados preliminares sobre tendências, práticas e lacunas no mercado audiovisual voltado à valorização da cultura negra. Segundo Gil (2017), essa modalidade de pesquisa é especialmente útil quando o fenômeno estudado carece de investigações sistemáticas, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre o objeto e fundamentar propostas inovadoras.

Foram investigadas iniciativas audiovisuais com protagonismo negro, tais como reality shows, séries documentais, canais de YouTube e festivais de cinema afrocentrado, com vistas a mapear estratégias narrativas, formatos de linguagem e recepção do público. Essa análise serviu de base para o desenvolvimento do projeto “Batalha das Tranças”, cuja concepção dialoga com as demandas de representatividade, diversidade estética e empoderamento racial no campo midiático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização das tranças afro no contexto brasileiro transcende a esfera estética, constituindo-se como um elemento central na construção da identidade étnico-racial, do sentimento de pertencimento e da promoção da justiça cultural. Ao serem reconhecidas como manifestações de um saber ancestral, as tranças resgatam e atualizam práticas que foram historicamente marginalizadas em função da colonialidade do poder e dos padrões eurocêntricos de beleza (QUIJANO, 2005; RIBEIRO, 2017).

Transformar esse legado cultural em conteúdo audiovisual, como proposto pelo reality show “**Batalha das Tranças**”, constitui uma estratégia política e comunicacional que contribui para o fortalecimento da memória coletiva afro-brasileira. O audiovisual, neste sentido, atua como uma ferramenta de mediação simbólica entre passado e presente, permitindo que as tradições culturais sejam reapropriadas e ressignificadas no imaginário social contemporâneo (JESUS, 2019).

A proposta do produto audiovisual aqui apresentado é também uma resposta crítica à invisibilização histórica da população negra nos meios de comunicação de massa. Conforme observa Hall (2003), a representação é um campo de disputa política e cultural no qual se constroem e se confrontam identidades. Nesse contexto, o *Batalha das Tranças* propõe uma pedagogia da imagem afrocentrada, por meio da qual se promovem o reconhecimento, a valorização e a celebração de práticas culturais negras como expressão legítima de conhecimento e resistência.

Ademais, o projeto possui um potencial de internacionalização que o posiciona estrategicamente como produto cultural competitivo e relevante para o mercado global. A exportação de formatos audiovisuais com protagonismo negro contribui para a descentralização das narrativas midiáticas dominantes e para a inserção da estética afro-brasileira no circuito mundial de bens simbólicos (SODRÉ, 2002). Trata-se, portanto, de uma iniciativa inovadora que alia empreendedorismo criativo, responsabilidade social e afirmação identitária.

Diante disso, conclui-se que a valorização das tranças afro por meio de um reality show documental não apenas fortalece a autoestima e a visibilidade da população negra, mas também instaura novas possibilidades de representação e participação no campo da cultura e da mídia. O projeto reafirma o compromisso com uma comunicação plural, democrática e antirracista, e aponta caminhos para o reconhecimento do patrimônio imaterial afro-brasileiro como elemento estruturante da identidade nacional.

REFERÊNCIAS

- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* (Org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295–316.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

-
- CAVALCANTE, L. Tranças e ancestralidade: Estética negra como resistência cultural. São Paulo: Pólen, 2021.
- HALL, S.; MCLUHAN, M. A moda como comunicação cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- JESUS, M. C. de. Representatividade negra na mídia brasileira: desafios e perspectivas. *Revista Comunicação e Sociedade*, v. 41, n. 3, p. 42-59, 2019.
- JÚNIOR, A. Identidade racial e estética afro-brasileira. Salvador: Edufba, 2021.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOYO, L. Oralidade e estética na cultura africana. Maputo: Casa das Ideias, 2022.
- NWANKWO, C. The heritage of African hairstyles. Lagos: AfroHeritage Press, 2019.
- OLIVEIRA, M. Empreendedorismo feminino negro e estética afro. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; São Paulo: Pólen, 2017.
- SILVA, T.; SANTOS, D. Mercado afro de beleza no Brasil. Brasília: IPEA, 2020.
- SODRÉ, M. A comunicação do grotesco: um ensaio sobre cultura e comunicação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOUZA, V. Lutas e conquistas do movimento negro brasileiro. Recife: Editora Vox, 2019.